

Por Ele . . . temos acesso ao Pai. Efésios 2:18

# O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 15 DE MARÇO DE 1980





O galo da  
acusação  
nunca parou  
de cantar.

## uma semana crucial

—Jorge de Barros

Há um ar festivo no Domingo de Ramos que não se justifica totalmente. O dia tem cores, mas não tem consistência; há muita aparência, mas pouca autenticidade; Jesus é proclamado, mas paira no ar a sombra da traição e da morte.

A história da semana que este domingo começou é pouco abonatória mesmo para os discípulos mais chegados. A Bíblia diz que todos fugiram.

Ao relermos a narrativa, vinte séculos depois e à luz do conhecimento que hoje temos, somos tentados a julgar severamente os homens de então. Opinaremos que lhes faltara consistência e carácter, quando dias depois apuraram o mesmo Jesus que tinham vitoriado no Domingo de Ramos.

Mas, julgando-os assim, não estaremos sendo justos. Condenando-os, sentenciamos-nos a nós

próprios. A análise atenta do comportamento duma das figuras importantes da Semana Santa, a do apóstolo Pedro, oferece perspectivas novas que talvez venham a mudar a severidade do nosso juízo.

Pedro é uma das pessoas que saem mais prejudicadas da semana da paixão. Emerge chorando. Os evangelistas relataram com certo aparato o facto de ele ter negado a Cristo. E ainda hoje milhares de pregadores se aproveitarão da data para reavivar a cena. O galo da acusação nunca parou de cantar. Não faltará quem repita que Pedro foi volúvel e fraco, incapaz duma posição firme, sempre oscilante entre a montanha do entusiasmo e o vale da depressão.

Há, porém, facetas básicas na vida de Pedro que merecem apreço no dia de hoje. Vejamos algumas:

*Programou a sua fidelidade.* Ele era cristão convicto. Como tal, declarou lealdade incondicional e perene a Cristo. Disse-Lhe, certa vez: "Seguir-Te-ei até à morte". Pedro desejava, sinceramente, ter algo mais que uma "religião domingueira".

*Proclamou a sua decisão.* Na presença de amigos e até de desconhecidos que procuravam o Mestre, Pedro publicara a sua adesão ao cristianismo. Não deixara ele bote e redes? Como quem preenche um impresso de censo no qual tem de dizer a que grupo religioso pertence, Pedro declarou-se, corajosamente, membro da religião minoritária da época.

*Pugnou pelo seu Mestre.* Quando pressentiu o perigo duma confrontação violenta, Pedro arranjou uma espada. A presença da arma nas mãos do apóstolo é indício do seu propósito de viver e preservar a crença. Sabe-se até que, ao tentar defender a Cristo, Pedro cortou a orelha dum homem.

O que nos surpreende é que o apóstolo tenha falhado—a despeito de programar a sua fidelidade, proclamar uma identificação religiosa e o propósito firme de brandir a espada em defesa da nova fé. O homem que vamos encontrar ao longo da Semana Santa acha-se enxovalhado.

A lembrança destes factos levamos a concluir que não são programas, resoluções e armas de defesa que produzirão um cristão verdadeiro. Pedro teve tudo isso —mas falhou. A sua verdadeira experiência religiosa veio após o colapso da religião programada e tão belicosamente defendida.

O primeiro passo para a reabilitação e o alcance duma fé genuína foi o arrependimento. A Bíblia diz que “chorou amargamente”. Não fora Cristo quem o decepcionara; Pedro é que se decepcionara a si próprio. Por fora, a sua religião tinha ares de uma fortaleza inexpugnável. Por dentro a sua fé era incipiente, incapaz de enfrentar a primeira prova. Não foi por querer que negou a Cristo. Foi por não poder. Nenhum homem tem em si próprio recursos para ficar firme em horas de pressão. Só com a força de Deus poderemos vencer.

O arrependimento é ainda o caminho seguro para a identificação com Cristo. A Bíblia diz que o homem que repudia e confessa a Deus o seu pecado, alcança misericórdia—a simpatia do coração divino.

A última prova da reabilitação de Pedro foi o seu testemunho de amor a Jesus. Por três vezes declarou-Lhe a sinceridade desse amor. E reside nisto a base duma verdadeira união com Cristo. Não O seguimos porque o inferno nos aterroriza; não O seguimos porque multidões o fazem; não O seguimos porque ainda há grupos que celebram o Domingo de Ramos, com as suas corés, palmas e cânticos de hossana. Seguimo-l’O porque O amamos. □

## O CRUCIFICADO VIVE!

—William M. Greathouse  
Superintendente Geral

**A Ressurreição não é simples elemento da fé cristã, é a própria fé. Aquele que encarnou, viveu entre nós, tornou-Se o Caminho e morreu numa cruz por nossos pecados—agora vive!**

**Não se trata de lenda, mas de FACTO irrefutável. A mensagem da ressurreição, anunciada em Jerusalém onde Jesus fora crucificado, frutificou em milhares de convertidos que foram batizados no nome d’Aquele que tinha sido morto.**

**A Ressurreição mudou o dia de adoração e contribuiu para o estabelecimento da Igreja Cristã. Passados 2 000 anos, conta com mais crentes do que em qualquer outro tempo da história.**

**O Crucificado vive!**

**Portanto, sabemos que Jesus é—o Filho de Deus. A ressurreição foi o Amém de Deus respeitante a Jesus, ao apresentá-IO como Seu Filho e ao confirmar quanto Ele ensinou e proclamou: “Declarado Filho de Deus, em poder, segundo o Espírito de santificação, pela ressurreição dos mortos—Jesus Cristo, nosso Senhor” (Romanos 1:4).**

**O Crucificado vive!**

**Por isso, temos a salvação. A ressurreição transformou a morte de Jesus de martírio santo em sacrifício redentor. Ele “por nossos pecados foi entregue, e ressuscitou para a nossa justificação” (Romanos 4:25). Porque Ele vive, nós “temos a redenção pelo seu sangue, a remissão das ofensas” (Efésios 1:7). “Portanto, pode também salvar, perfeitamente, os que por ele se chegam a Deus, vivendo sempre para interceder por eles” (Hebreus 7:25). Na presença de Deus, Cristo é a nossa perfeita justificação.**

**O Crucificado vive!**

**Portanto, usufruímos de completa salvação. “Porque se nós, sendo inimigos, fomos reconciliados com Deus, pela morte do seu Filho, muito mais, estando já reconciliados, seremos salvos pela sua vida” (Romanos 5:10). “O primeiro homem, Adão, foi feito em alma vivente; o último Adão, em espírito vivificante” (I Coríntios 15:45). Jesus ressurrecto reproduz a Sua santidade em nós (Romanos 8:2-4). “Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim” (Gálatas 2:20).**

**O Crucificado vive!**

**Por isso, temos esperança—“sabendo que, o que ressuscitou o Senhor Jesus nos ressuscitará, também, por Jesus” (II Coríntios 4:14). Temos perfeita salvação através de Jesus ressuscitado; salvação final quando “o último inimigo”—a morte—for destruída. “Vemos, porém, coroados de glória e de honra, aquele Jesus” (Hebreus 2:9-10). E vendo Jesus coroados de glória, temos a nossa esperança garantida! “Amados, agora somos filhos de Deus, e ainda não é manifesto o que havemos de ser. Mas sabemos que quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele, porque, assim como é, o veremos” (I João 3:2).**

**O Crucificado vive!**

**É a mensagem que devemos apresentar ao mundo. A oferta missionária de Páscoa provê a forma de compartilhar este Evangelho glorioso.**

**Ao ofertarmos alegre, livre e sacrificialmente, contribuímos para que o mundo conheça que o Crucificado vive! □**

# O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume IX  
Número 6  
15 de Março de 1980

H. T. REZA, Director Geral  
JORGE DE BARROS, Director  
ACÁCIO PEREIRA, Redactor  
ROLAND MILLER, Artista  
CASA NAZARENA DE  
PUBLICAÇÕES, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



Capa: Foto por Wallowitch



Pilatos estava perturbado. Não sabia que decidir. No entanto, declarou: "Não acho culpa alguma neste homem... castigá-lo-ei, pois, e soltá-lo-ei" (Lucas 23: 4, 16). As primeiras palavras mostravam a inocência de Jesus e as últimas, "soltá-lo-ei", lembravam ao povo o privilégio de na Páscoa poder escolher o preso que devia ser liberto. O governador continuava indeciso quanto à aplicação da justiça. A sua mente, absorva em discernir os acontecimentos, descobria, finalmente, no clamor do povo, o melhor escape.

Voltando as costas aos sacerdotes e anciãos, apelou para a multidão: "Qual quereis que vos solte? Barrabás, ou Jesus, chamado Cristo?" (Mateus 27:17). A escolha era entre Jesus, o inocente; e Barrabás, o criminoso. De nada valeu a nova pergunta de Pilatos: "Que quereis, pois, que faça daquele a quem chamais rei dos judeus (Marcos 15:12)?" O povo, já dominado e incitado pelos emissários dos fariseus e principais dos sacerdotes, pediu a morte de Jesus: "Seja crucificado".

Temos de reconhecer que também nós O negámos. É tempo de arrependimento e de novas resoluções. Testifiquemos daquilo que o Senhor tem feito nas nossas vidas resgatadas pelo Seu precioso sangue. Meditemos nas palavras do profeta Miqueias: "Oh! povo meu, que te tenho feito? E em que te enfadei? Testifica contra mim" (6:3).

Terrível escolha a dos judeus: solta Barrabás! Mas que mal tinha feito Jesus? Porventura, o de ministrar o pão da vida? O de curar enfermos? De expulsar demónios? De ressuscitar mortos? A competição entre Jesus e Barrabás é das cenas mais dolorosas da Paixão. Frente a frente, o justo e o pecador: Deus e o homem. O povo, contradizendo-se, decidiu pelo pior. Ainda há muita gente nos nossos dias que abandona e nega Jesus para se unir ao partido de Barrabás, preferindo o mundo e seus prazeres.

O profeta Jeremias (2:13) fala de outra escolha infeliz, esta no seu tempo: "O meu povo fez duas maldades. A mim me deixa-

## escolha infeliz



ram, o manancial de águas vivas e cavaram cisternas, cisternas rotas, que não retêm as águas". Quais têm sido as nossas escolhas? Labutamos em vão? As cisternas rotas simbolizam a inutilidade de uma vida sem Deus. Nós somos culpados, mas Jesus sofreu inocentemente. Pilatos confessou: "Que mal fez este? Não acho nele culpa alguma de morte" (Lucas 23:22). O eco da multidão repercutia, ainda, nos muros contíguos ao palácio: "Seja crucificado... o seu sangue caia sobre nós e sobre os nossos filhos" (Mateus 27:22, 25). Que tristeza ver até onde pode chegar o homem sem Deus! Ontem, *hossanas*; hoje, *seja crucificado*.

Senhor, que a Tua luz penetre nas nossas mentes para nos mostrar a santidade de Deus abominando o pecado; a Sua justiça exigindo reparação; a Sua paciência esperando o nosso regresso; e o Seu amor incomensurável dando o Seu Filho unigénito para nos salvar. Ajuda-nos, Senhor, a compreender o alcance da Tua morte expiatória—nossa ponte para uma vida regenerada e santa. □

—Acácio Pereira

# QUARESMA, SEMANA SANTA E EVANGÉLICOS

—H. T. Reza

Quaresma é uma palavra que aprendi desde criança. Na região onde nasci, durante muitos anos, quaresma significava para mim o tempo de seca. Meu pai dizia que "a quaresma estava a terminar e precisávamos de semear, pois a chuva vinha aí".

Mais tarde soube que a quaresma é o período de 46 dias que precede a Ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo. A Igreja Cristã estabeleceu jejum nesses dias, comemorativo daquele que o Mestre fizera no deserto.

Entre a "quarta-feira de cinzas" e a Páscoa medeiam 46 dias; e, entre esta e Pentecostes, 50.

Todavia, a designação de porções de tempo não me preocupa, pois considero mais importante a razão de tal divisão do que a sua origem. Convém mais saber como comportar-me na sua celebração do que quando e qual a igreja que instituiu a Quaresma.

Talvez o que levou a Igreja a comemorar a Quaresma tenha sido o ensejo de despertar no Cristianismo a sublime realidade do sacrifício de Cristo. Deus conhece a nossa fraqueza e propensão ao esquecimento. Com o tempo tudo passa. Daí, a tentativa de lembrar cada ano os sofrimentos de Jesus Cristo.

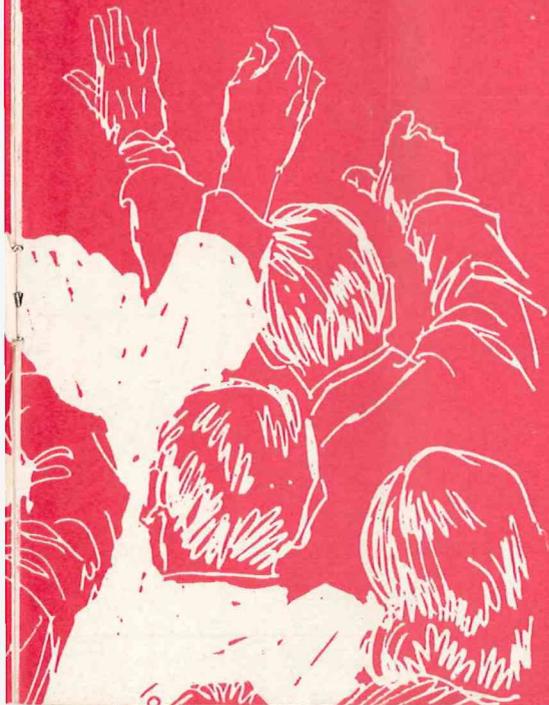
Portanto, a Quaresma é o reconhecimento de Deus Criador e da Sua obra redentora. Não ficámos sós na terra. Temos quem nos proteja e alimente. Deus é uno—e Deus de todos. Ele acompanha-nos durante a nossa carreira neste mundo.

Quaresma é também preparação. Não apenas no aspecto físico, baseado no jejum; mas sobretudo, no espiritual. Sem este, é um engano para quem o recomenda. Deve ser preparação espiritual, não de seis ou sete semanas, mas permanente; como são os resultados do sacrifício de Cristo.

Preparação é recapacitação, reflexão, meditação: no que Deus é e fez; e no que nós somos e fazemos. Ao identificar os nossos desejos e acções, preparamo-nos para a Ressurreição, como consequência lógica da nossa entrega a Deus. Nascermos de novo. Ressuscitamos para uma nova vida.

Se alguém está confuso por a mensagem da cruz lhe parecer incerta ou sem vida; se a graça redentora de Deus não chega a comover a alma; se os acontecimentos do Calvário se tornam enfadonhos e sem interesse—medite, examine a consciência e repare a falta. Talvez seja por tanto titubear ou dar aso a polémicas inúteis. É possível endurecer a consciência até se converter no silêncio da alma!

A Quaresma incita-nos, sob o Espírito de Deus, a captar a mensagem e o significado da cruz. Desta forma a vida cristã deixa de ser eventual, para se tornar permanente. □



Todos os anos, por ocasião da Páscoa, Jerusalém se enchia de peregrinos vindos de Hebron, Jope, Damasco e Jericó. Desde os mais humildes aos poderosos, anciãos e adolescentes—todos assistiam à festa.

Dominava-os o interesse religioso, embora também aproveitassem a ocasião para visitar amigos e familiares. Proliferavam então mendigos pelas ruas da cidade. Os doentes que não podiam andar, eram transportados a certas fontes à espera de algum milagre. Todas as estalagens, mesmo as mais modestas e isoladas, se enchiam; e a encosta do monte das Oliveiras fervilhava de tendas onde os peregrinos dormiam e preparavam os seus parques alimentares.

Nessa altura, Pôncio Pilatos vinha de Cesareia para, com a sua presença, evitar possíveis desordens. Acompanhava-o a guarda militar para reforçar o destacamento local do palácio e da Fortaleza Antônia, donde os soldados podiam observar o que se passava no templo. Pilatos governou a Judeia, como procurador romano, dos anos 26 a 36 D.C.

Também se encontrava na cidade Herodes Antipas, governador da Galileia e Pereia dos anos quatro a 39 D.C.

Do átrio do templo, o fumo dos sacrifícios elevava-se em espiral. Ouviam-se cantos religiosos e o clamor dos vendedores de animais. Muitos sacerdotes vigiavam, no intuito dos sacrifícios satisfazerem o povo e o sumo-sacerdote, senhor e administrador do templo. Durante o tempo de Páscoa, o Sinédrio, o mais poderoso conselho político judeu, exercia plena autoridade.

Jesus Cristo surgiu, pois, no meio deste cenário. Era já tão famoso que toda a gente falava d'Ele. A ressuscitação de Lázaro provocara agitação entre os peregrinos que O aguardavam com ansiedade (João 11:56). A esperança de ver chegar o Mestre enchia de entusiasmo a multidão.

Talvez bem poucos pensassem na tempestade que a visita do Senhor desencadearia. Nos três últimos anos, densas nuvens de oposição e ódio se tinham avolumado. Em breve, o relâmpago do rancor anunciaria os chuveiros de antipatia misturados com o grunido destruidor da ira. A tormenta acarretaria a morte do Mestre, a dispersão dos discípulos, a condenação do traidor, a confusão do povo e uma separação do judaísmo legal e oficial.

Na madrugada do primeiro dia da semana (domingo), o Senhor

saiu de Betânia para Jerusalém. Ao passar por Betfagé, arredores da cidade santa, enviou dois discípulos a buscar um jumentinho que se encontrava atado a um portal e nunca tinha sido montado: razão por que podia ser usado para fins sagrados (Deuterónimo 21:3 e I Samuel 6:7).

Os discípulos encontraram tudo como Jesus lhes dissera e trouxeram o jumento. Depois colocaram sobre ele os seus mantos e ajudaram o Mestre a subir. Cedo se ouviram os clamores dos peregrinos que saíam ao encontro do Senhor para O escoltarem na Sua entrada triunfal em Jerusalém (João 12:12-13). É provável que fossem galileus. Com alegria estenderam as vestes à Sua passagem, cortaram ramos de palmeira para atapetar o caminho e exclamaram: "Hossana, bendito o que vem em nome do Senhor" (João 11:9).

Jesus procedia de acordo com os antigos profetas de Israel. Como Jeremias, apresentava a Sua mensagem de forma dramática. O profeta "chorão" representou a queda de Jerusalém, partindo uma botija de barro na presença dos seus concidadãos (Jeremias 19). E Cristo originou esse cenário para confirmar que era o Messias. Tomou por empréstimo o ju-

## O céu se escureceu



mentinho e recusou acalmar a multidão quando os fariseus lho pediram (Lucas 19:37-40).

A chave deste episódio encontra-se na profecia de Zacarias: "Alegra-te muito, ó filha de Sião; exulta, ó filha de Jerusalém: eis que o teu rei virá a ti, justo e Salvador, pobre, e montado sobre um jumento, sobre um asininho, filho de jumenta" (Zacarias 9:9). Jesus entrou em Jerusalém sobre um animal de paz. Alguém comentou: "Fazendo assim, proclamou no próprio coração de Israel que era o Messias, mas um Messias sem armas nem exército; entrando sem pompa — como convinha ao Servo do Senhor — por um caminho sobre o qual já se projectava a sombra de uma cruz".

A tragédia deste triunfo foi o esquecimento por parte do povo dos gritos de louvor, logo que soube que Jesus não tencionava estabelecer um trono em Jerusalém. Esqueceram-se tão depressa que nem os mencionaram no julgamento a que o Mestre foi submetido. Jesus antecipara a ingratidão, pois quando avistou as cúpulas resplandescentes da cidade, chorou e disse: "Ah! se tu conhecesses também, ao menos neste teu dia, o que à tua paz pertence! mas agora isto está encoberto aos teus olhos" (Lucas 19:42). □

—W. H. Taylor



O ciclone David chegou com violência. Sentado na sala, eu observava pela porta de vidro os efeitos da sua fúria. Fiquei atemorizado ao ver a força e a velocidade do vento que fustigava Martinica, ilha onde vivo.

## calma na tempestade

—John Seaman

Árvores inclinavam-se até ao chão, ou eram arrancadas pela raiz. No fundo da colina, o Mar das Caraíbas cobriu-se de nuvens escuras e anunciadoras de chuva torrencial. A rádio comunicou as notícias mais importantes: este é o pior ciclone do século; ninguém saia de casa, a não ser em caso de emergência; o centro de juventude de Godissard está a servir de refúgio; várias zonas residenciais encontram-se afectadas; ondas enormes danificam a costa oriental da península Caravelle; a plantação agrária de Leyritz, do século XVII, foi destruída; a bela floresta de chuva tropical ficou danificada; os desabamentos de terra cortaram as estradas que atravessam as montanhas do norte; foi ordenado aos médicos e enfermeiras que sigam imediatamente para os seus postos nos diferentes dispensários, clínicas e hospitais da ilha.

A minha mente voou até um bairro de lata", pobre e indefeso, que fora outrora destruído por uma tempestade. Que teria acontecido àquele gente?

Os outros missionários da ilha vivem em moradias sólidas e, por isso, livres de perigo.

Na minha casa tudo parece estar seguro. Os tapetes foram enrolados e uma reserva de água enche o nosso depósito.

As portas e janelas rangem e estremecem como nunca. A água começa a penetrar os blocos de cimento de nossa casa. A minha esposa e filha refugiaram-se no quarto, atentas a qualquer alerta e às notícias da rádio.

Estou consciente da gravidade do perigo ao ver o que se passa lá fora. Não sei que acontecerá. Penso que, se ocorresse o pior, poderia perder tudo, incluindo a própria vida. Mas encontro-me calmo e tranquilo. Sei bem porquê.

# sete palavras de o

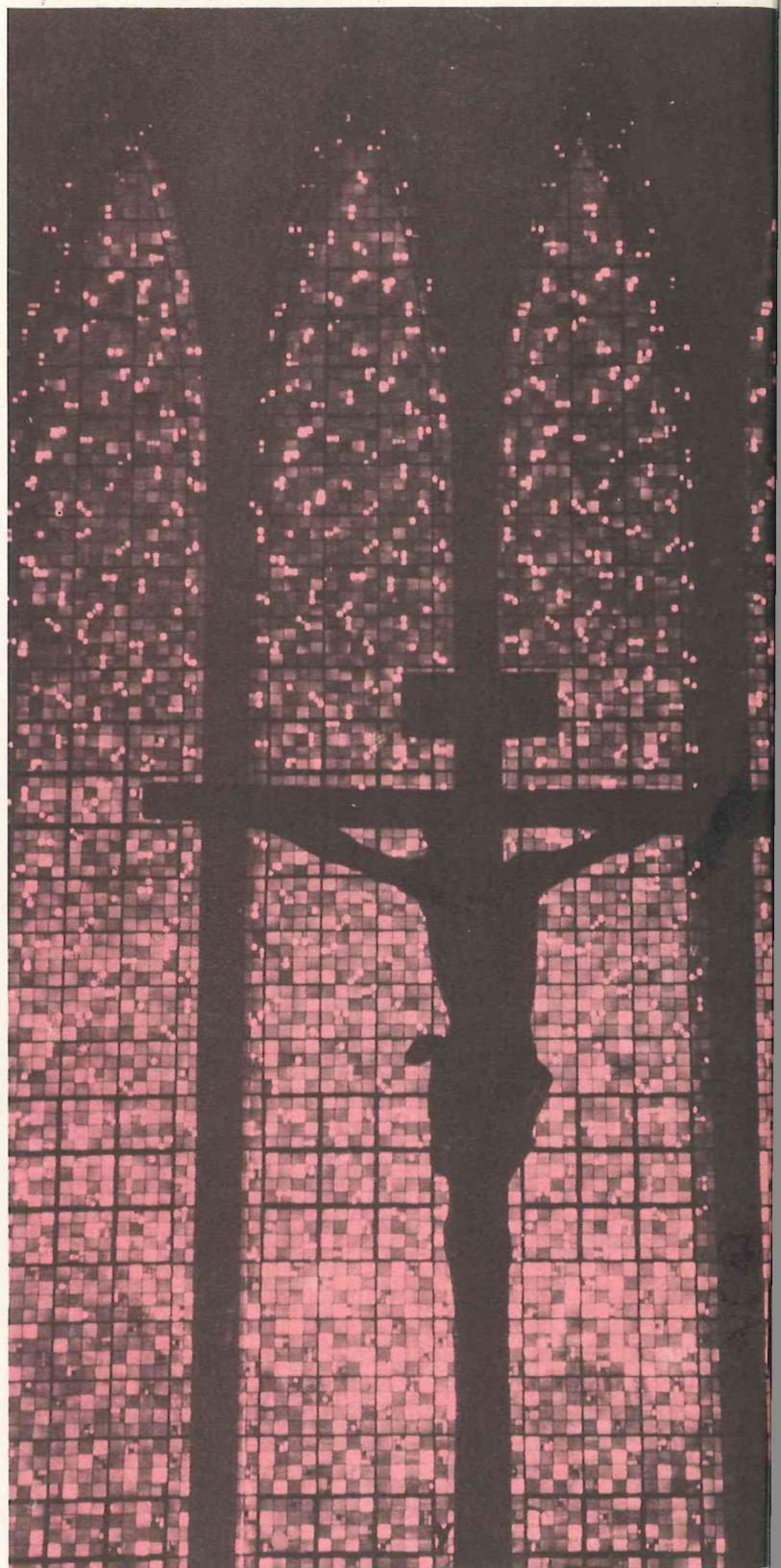
Antes de ter a certeza da salvação, João Wesley conta no seu *Diário*, uma tempestade desabou sobre o navio em que ele viajava com outros ingleses e um grupo de missionários morávios da Alemanha. O barco seguia com destino a Geórgia, E.U.A. Como o temporal soprasse com intensidade, Wesley sentiu medo e relutância em morrer. Tendo-se como homem espiritual, ficou perturbado com os seus temores. Ao mesmo tempo, impressionou-o a paz e serenidade que notou nos missionários alemães. A sua observação durante a viagem convenceu-o que era gente sem vaidade, ira ou espírito de vingança. Durante a tempestade tivera oportunidade de verificar que eles não tinham medo — ele sim!

Os morávios encontravam-se num culto devocional a cantar salmos, quando o mar galgou sobre o barco, despedaçou a vela principal e inundou o convés. Os ingleses gritavam, mas os morávios continuavam, calmamente, o seu canto. Ele mal podia acreditar! Mais tarde, Wesley perguntou a um deles: "Você não teve medo?" Ele respondeu: "Eu não, graças a Deus". Wesley indagou de novo: "Mas as vossas mulheres e filhos também não tiveram medo?" Ele respondeu afável: "Não, as nossas esposas e filhos não temem morrer".

No meio do temporal, os morávios tinham confirmado a sua paz com Deus. Essa experiência influenciou Wesley. Levou-o a prosseguir a busca da certeza e quietude espiritual.

Cedo eu reconheci porque me conservava calmo durante o ciclone David. Há anos o Príncipe da Paz, o Senhor das tempestades, veio habitar no meu próprio ser. Antes eu tinha medo. Os temporais da vida inundavam o meu bote prestes a afundar-se quando, em desespero, pedi ao Mestre ajuda e salvação. De repente, como acontecera noutra barco há dois mil anos, durante uma tempestade no Mar da Galileia, Jesus disse: "Cala-te, aquieta-te. E o vento se aquietou, e houve grande bonança" (Marcos 4:29). E tem sido sempre assim.

Tenho calma, mesmo no meio do ciclone David em sentido literal ou simbólico. Sou um missionário nazareno que conhece bem o motivo da serenidade daqueles morávios de há 250 anos. Por isso, o ciclone David pode soprar forte! □



**“As sete palavras pronunciadas na cruz são sete janelas pelas quais podemos ver Cristo . . . Em toda a Sua vida, Jesus pensou primeiro nos outros e, depois em Si”.**

No Gólgota, apesar do céu encoberto de Jerusalém, distinguiam-se os contornos de três cruzes. Na do centro pendia um Homem inocente e santo. Fora desprezado e crucificado pelos próprios concidadãos. Mesmo assim, no meio do sofrimento e agonia, dirigiu a todos palavras de amor.

Por vezes é difícil compreender porque a cruz foi necessária. Poderia Deus conceber outro plano para a redenção do homem? Mas, se Cristo não morresse na cruz, o mundo não teria conhecido nem testificado do maior acto de submissão e humildade.

Recordemos as palavras de Jesus:

1. *Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem* (Lucas 23:34). Cristo não só pediu ao Pai para perdoar os Seus algozes, mas Ele próprio mostrou um espírito de perdão. Pôs em prática o que ensinara aos Seus discípulos em Mateus 6:14.

2. *Estarás comigo, hoje, no Paraíso* (Lucas 23:43). Esta esperança deu-a Jesus àquele que despendeu a sua vida. O ladrão que se arrependeu dos seus crimes foi perdoado e aceite na família de Deus.

Em 1830 um homem matou certo empregado do governo que ele apanhara no acto de roubar o correio. Foi condenado e sentenciado à forca. Porém, o presidente do seu país concedeu-lhe perdão. Mas ele actuou de modo inexplicável. Recusou-se a aceitar o perdão. O caso foi levado ao Supremo Tribunal.

O juiz escreveu o seu parecer e deu a sentença. “Um perdão escrito em folha de papel só tem valor se é aceite pela pessoa perdoada. Se ela recusa, não há perdão. O culpado deve ser enforcado”. E assim aconteceu.

Cristo é o perdão de Deus. Um ladrão aceitou-O — outro rejeitou-O.

3. *Mulher, eis aí o teu filho. Filho, eis aí tua mãe* (João 19:26, 27). Cristo sabia que, sem Ele, Sua mãe ficaria desamparada; por isso, confiou-a ao discípulo amado. A compaixão foi uma das características peculiares de Jesus. Mesmo diante da morte, cuidou dos outros.

4. *Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?* (Marcos 15:34). Aqui sobressai o lado humano de Cristo ao sentir o desamparo daquela hora. Se sofremos sós, estejamos certos de que Ele conhece os nossos sentimentos e cuida de nós.

Quando a esposa de certo pastor morreu

inesperadamente, ele sentiu muito. Porém, no domingo seguinte, perante a admiração da sua congregação, usou Marcos 15:34 como texto do seu sermão.

O pastor, depois de citar as palavras de Jesus na cruz, acrescentou: “Sinto-me consolado por haver um *porquê* nos lábios do Salvador”.

Nem sempre podemos compreender porque acontecem determinadas coisas. Mas, mesmo diante da morte, saberemos que o nosso amado Senhor passou por circunstâncias idênticas.

5. *Tenho sede* (João 19:23). Este foi o sofrimento físico mais doloroso. Ninguém ofereceu a Jesus um copo de água para saciar a sede. Mas, como alguém disse: “As coisas perduráveis custam muito”. Cristo pagou, para a redenção do homem, até ao último ceitil. Os pregos e os espinhos fizeram-no sofrer, mas a sede — lábios secos, língua inchada — aumentaram a Sua dor. Tudo suportou por causa dos nossos pecados.

6. *Está consumado* (João 19:30). A vontade de Deus Pai estava realizada. Jesus Cristo cumpriu a Sua missão. Agora a salvação está ao alcance de todos — que desejem procurá-la.

7. *Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito* (Lucas 23:46). Cristo terminara a obra encomendada. Entregara-Se a Si mesmo — todo o Seu ser — pelo mundo. Seu Pai examinaria os factos. Cristo ressuscitou em cumprimento da Sua missão.

Tal vez nunca se tenham dito palavras mais sublimes que estas sete frases de amor. O Dr. Hubert Simpson disse: “As sete palavras pronunciadas na cruz são sete janelas pelas quais podemos ver Cristo . . . Em toda a Sua vida, Jesus pensou primeiro nos outros e, depois em Si”.

Existe algo extraordinário nestas palavras que nos leva a inclinar a cabeça com reverência e adoração. Quando contemplamos o rosto de Jesus cheio de amor e compaixão, sentimos que devemos viver como Ele viveu e amar como Ele amou.

Isaac Watts, teólogo e hinólogo do século XVII, resumiu os sofrimentos e o amor redentor de Jesus Cristo nestas palavras:

*Foi por causa dos crimes que eu cometi  
Que Ele sofreu sobre a Cruz?  
Piedade maravilhosa, extraordinária graça  
E amor que tudo ultrapassa!* □

# CRISTO SEM CRUZ

W. T. Purkiser

Existe, actualmente, muita religião como a que Richard Niebuhr descreveu acerca da teologia liberal: "Um Deus sem ira, introduzindo num reino sem justiça, um homem sem pecado, através do ministério de um Cristo sem cruz".

A descrição anterior tem o seu significado. Cada uma das suas partes representa certa filosofia religiosa que deixou de se basear na verdade das Escrituras.

É Possível apresentar o amor de Deus de modo a encobrir que ele implica ira. O contrário do amor não é ira, mas ódio. Deus não pode odiar, porque é amor. Mas não há amor se não existe repulsa contra as forças que destroem o seu objecto.

Se um homem ama a mulher e os filhos, não pode ficar insensível ao ver alguém atacá-los.

A medida do amor de Deus é, verdadeiramente, a medida da Sua ira. O amor infinito pelos homens que criou à Sua própria imagem, implica ira infinita contra as forças ou pessoas que procuram destruir a Sua criação.

É pura imaginação dizer que o homem não tem pecados, antes da graça de Deus ser real na sua vida. A natureza humana sem Deus está propensa ao egoísmo, avareza e desordem.

A lei e as estruturas de qualquer governo pressupõem o facto do homem ser pecador e precisar de ser refreado. O sistema das sociedades democráticas com seus regulamentos é testemunho eloquente da depravação humana.

Um reino sem justiça seria um reino sem significado. O amor supõe ira; como a graça implica juízo.

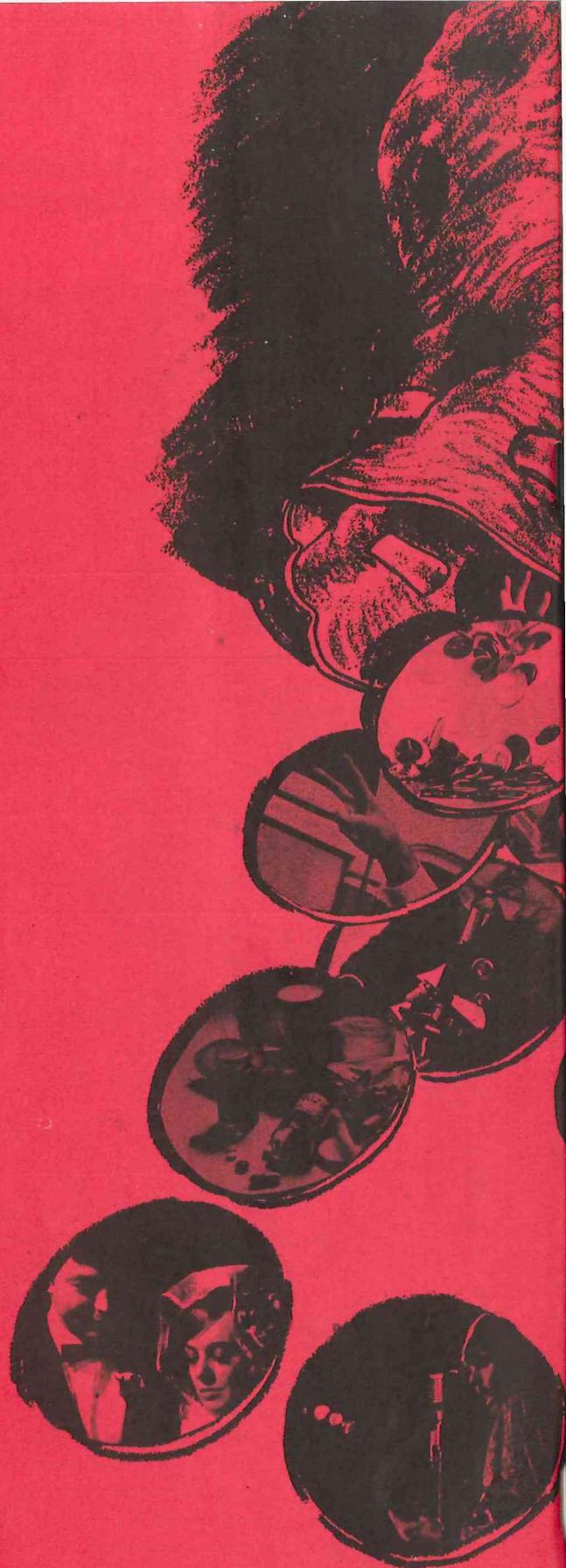
A graça opera dentro da justiça, não apesar dela. Na provisão de Deus para a nossa redenção, a justiça é satisfeita com a graça.

Diminuir o perigo de que nos livrou o Salvador, não O enaltece. A graça é maior quando a realidade do juízo se torna mais visível.

A ira e o amor, o pecado e a salvação, o juízo e a graça se encontram na cruz de Cristo. A visão do Salmista concretiza-se no Calvário: "A misericórdia e a verdade se encontraram, a justiça e a paz se beijaram" (Salmo 85:10). Por isso, "Cristo sem cruz" não seria Cristo. A nossa vida continuaria em pecado, ira e condenação, sem a cruz, o amor, a salvação e a graça.

Muitas pessoas têm atacado a essência da fé cristã. Proliferam opiniões desirmanadas. Mas a cruz situa-se sempre no centro. Se negarmos o seu significado ou o pusermos de lado, destruímos a fé.

O Evangelho será sempre "boas novas de grande alegria", através do qual Deus conduz os pecadores arrependidos ao Seu reino de justiça e graça — por meio do Cristo da cruz e da tumba vazia. □





## SENHOR, HOJE TE VENDI!

Como Judas, hoje Te vendi Senhor, e por poucos centavos. Bem sabes que nestas transgressões ando acompanhado. Não me entregaram 30 moedas, como ao filho da perdição, mas, ao ouro da minha fé, preferi as riquezas e comodidades deste mundo que entorpecem a "visão celestial".

Tinhas razão, Senhor, ao declarar no Sermão da montanha: "Onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração" (Mateus 6:21).

Ao ver como estou apegado a estas coisas que, cedo ou tarde, terei de deixar, compreendo melhor

a sublimidade da Tua pobreza material — apenas uma túnica e sandálias. Como nos devemos afastar dos interesses humanos, se queremos avançar no Caminho estreito de que falaste!

Quando consigo um posto mais elevado na sociedade e ajunto três ou quatro máquinas e móveis para conforto do lar, logo se me congelam as ideias e começo a negar-Te.

Confesso, Senhor, que não sei como conciliar os bens e as comodidades materiais com o discipulado cristão que me ordena a "não juntar ouro nem prata" e a esperar tudo de Deus! . . .

Para possuir tesouros no céu, como Tu, também é necessário imitar-Te em perder tudo aqui na terra. Isto é, não desejar coisas terrenas que nos possam afastar do Caminho. No entanto, certos raciocínios pessoais pretendem justificar muitas situações duvidosas.

Reconheço, bom Mestre, que não é possível voltar à túnica e sandálias, nem recorrer ao camelo nesta época de foguetões e satélites interplanetários. Claro que o espírito de Deus acompanha o progresso humano! Não é precisamente isso que move o meu pensamento, mas a pouca consistência dos meus ideais e princípios — ainda que diante dos homens bata no peito em sinal de afirmação — perante a possível perda do montão de máquinas e utensílios que consegui reunir à custa de trabalho e muito pensar.

Quando olho para o que Tu possuiste, humanamente falando, compreendo melhor a Tua doutrina e tremo como folha verde, perante o desafio: "E todo aquele que tiver deixado casas, ou irmãos, ou irmãs, ou pai, ou mãe, ou mulher, ou filhos, ou terras, por amor do meu nome, receberá cem vezes tanto, e herdará a vida eterna" (Mateus 19:29). O apóstolo Paulo tinha razão — e quanta! — ao falar da "loucura da cruz".

Vejo que é coisa séria, mais que a vida ou a morte, tomar a cruz e seguir-Te.

A verdade é que hoje Te vendi, Senhor, ao apegar-me demasiado às minhas posses e ao lugar que ocupo na sociedade. Os princípios que elevam a alma exigiram razão da minha fé, puseram à prova os meus ideais — e verifico que os troquei por coisas materiais que afagam a minha vaidade.

Senhor, que possam ser minhas as palavras que pronunciaste quando absorvido nos "negócios de Deus": "Quem é minha mãe? E quem são meus irmãos?" (Mateus 12:49).

Quando estas palavras penetrarem fundo no meu ser e as compreender, saberei que todos os valores e preocupações terrenas são como pó atirado ao vento, e a "loucura da cruz" se apoderará de mim. Então, apesar de ninguém suspeitar, a minha alma se converterá num vaso a transbordar de água divina! □

Há dois mil anos, num monte chamado Gólgota, erguiam-se três cruzeiros. Na do meio encontrava-se Jesus, crucificado pelos pecados do mundo. Nas outras, dois ladrões.

O da esquerda de Jesus morreu em pecado. Porém, o da direita achou salvação na misericórdia do Mestre.

Os romanos crucificaram Jesus entre ladrões para mostrar o seu ódio e o que pensavam a Seu respeito. Mas Cristo, com Seu poder, converteu a cruz em trono de justiça. O ladrão da esquerda recusou a graça de Deus e foi condenado. O da direita arrependeu-se e alcançou um lugar na Glória. De ladrão blasfemo passou a ladrão arrependido.

Se ele pudesse voltar ao mundo não se cansaria de testificar de Jesus e do Seu amor. Depois da conversão apenas viveu algumas horas. No entanto, aproveitou esse tempo para dar o seu testemunho. Se todos os crentes tivessem a coragem de testificar publicamente como ele fez, o mundo seria diferente.

**Poder do seu testemunho.** O testemunho do ladrão arrependido foi poderoso. A maioria zombava de Jesus e daqueles que choravam por Ele. Os Seus discípulos, atemorizados, abandonaram-no quando O prenderam. Pedro seguiu-O de longe, mas acabou por declarar três vezes que O não conhecia. Todavia, o ladrão arrependido testificou: "Senhor, lembra-te de mim, quando entrares no teu reino" (Lucas 23:42).

O seu testemunho foi oportuno. Na hora da agonia, Jesus ouviu palavras amigas. Talvez esperasse conforto de Seus discípulos, mas eles desapareceram. "Afrontas me quebrantaram o coração e estou fraquíssimo: esperei por alguém que tivesse compaixão, mas não houve nenhum; e por consoladores, mas não os achei" (Salmo 69:20).

O testemunho do ladrão arrependido foi completo. Afirmou que Cristo não tinha pecados e aceitou-O como Salvador. Em certo sentido, disse como Paulo: "Porque não me envergonho do evangelho de Cristo, pois é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê; primeiro do judeu, e também do grego" (Romanos 1:16).

**Conteúdo do testemunho.** O ladrão testificou da inocência de Cristo, da Sua intercessão, dignidade e divindade.

Quando o ladrão da esquerda começou a blasfemar, ele repreendeu-o: "Tu nem ainda temes a Deus, estando na mesma condenação? E nós, na verdade, com justiça, porque recebemos o que os nossos feitos mereciam; mas este nenhum mal fez" (Lucas 23:40-41). É o Cristo "santo, inocente, imaculado, separado dos pecadores, e feito mais sublime do que os céus" (Hebreus 7:26).

Jesus viveu uma vida santa e pura. Desafiou qualquer pessoa a acusá-LO de pecado (João 8:46). Quando Cristo declarou que era "a ressurreição e a vida" (João 14:6); e "o pão da vida" (João 6:35, 48), dizia a verdade, pois era tudo isso e muito mais.

O ladrão arrependido, depois de repreender o companheiro, dirigiu a Jesus estas palavras: "Lembra-te de mim, quando entrares no teu reino" (Lucas 23:42). Não pediu alívio para os seus sofrimentos, mas que o salvasse no juízo futuro. Com estas palavras confessou que Jesus Cristo era o único *Intercessor*: Porque há um só Deus, e um só Mediador entre Deus e os homens, Jesus Cristo, homem" (I Timóteo 2:5).

O ladrão testificou que Cristo é o Senhor. Como conseguiu crer que Ele era Deus, estando a seu lado na cruz? O Espírito Santo operou no seu coração para que ele pudesse ver a *divindade* de Jesus para além das feridas, insultos e abandono.

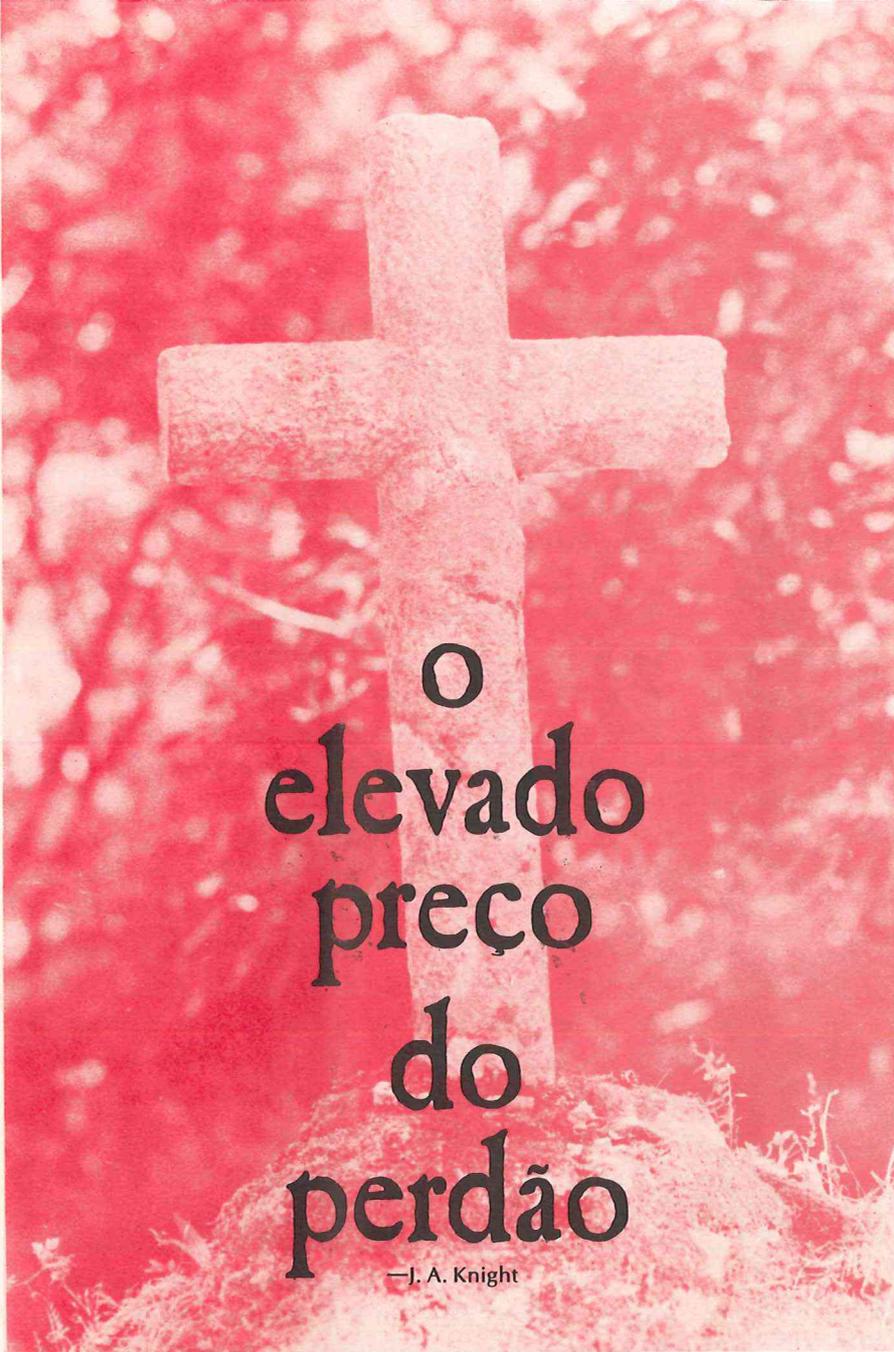
Antes de pregar o Senhor na cruz, tiraram-Lhe a roupa. "Repartiram os seus vestidos, lançando sobre eles sortes, para saber o que cada um levaria" (Marcos 15:24). O ladrão arrependido viu, pela fé, que Cristo era verdadeiro Rei dum reino vindouro.

**Recompensa do seu testemunho.** O testemunho sincero tem sempre o seu galardão. Jesus disse: "Todo aquele que me confessar diante dos homens, também o Filho do homem o confessará diante dos anjos de Deus" (Lucas 12:8). O ladrão obteve a sua recompensa quando ouviu do Mestre: "Em verdade te digo que estarás comigo, hoje, no Paraíso" (Lucas 23:43).

Foi recompensa certa e imediata. Recebeu-a pouco antes da morte. Quando Jesus Cristo pronunciou tão maravilhosas palavras, a alegria e paz inundaram o seu coração. As dores e torturas da cruz não o amedrontariam mais. Estaria com Cristo. Aleluia! □

—F. B. Akhdary

# testemunho do ladrão arrependido



# O elevado preço do perdão

—J. A. Knight

É importante reconhecer o preço do perdão quando ele nos é dado por Deus ou por outras pessoas. Mas ainda mais quando nos apropriamos do perdão e o convertemos em experiência que transformará a nossa vida. Depois de compreendermos os motivos, devemos corresponder positivamente a quem nos perdoou.

Aceitar o perdão seria coisa fácil se significasse simples libertação do castigo. No entanto, a experiência de ser perdoado é algo mais radical, toca o mais íntimo do ser humano.

Pedir perdão é difícil por várias razões:

1. *Inclui submissão.* Ser perdoado é admitir que o indivíduo não é auto-suficiente, que precisa da graça de Deus e da bondade do próximo. Também é profunda humilhação diante de quem perdoa e reconhecimento de que o perdão provém de fonte mais sábia e amorosa.

2. *Pressupõe espírito contrito.* Para se obter perdão tem de se pagar o preço em confissão e contrição. As relações humanas não podem ser restabelecidas sem que digamos: "Pequei, perdoa-me"; ou "ofendi-te, perdoa-me". Precisamos de reconhecer

a natureza da culpa para nos arrependermos dela.

3. *Exige disciplina e responsabilidade.* Quem é perdoado assume a responsabilidade de "corrigir o mal", embora não o faça para se livrar da culpa ou para angariar favor aos olhos dos outros.

4. *Envolve risco.* Quando perdoamos ou somos perdoados corremos o risco de ser feridos nos nossos sentimentos, pois humilhamo-nos diante de outras pessoas.

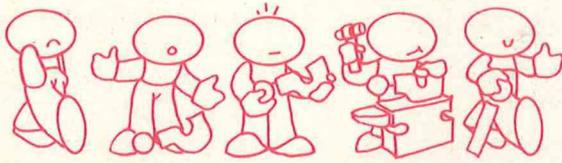
Aceitar o perdão é custoso, todavia, necessário para o desenvolvimento da personalidade. Provê força — liberdade para amar. Capacita-nos a examinar-nos — confissão dos pecados. Sobretudo, prepara-nos para melhor compreender que não temos de depender unicamente de nós mesmos — fé em Jesus Cristo.

Receber perdão é difícil, mas pedi-lo é muito mais. Porém, se não pedirmos perdão, não teremos vida. Ao aceitá-lo e recebê-lo, seremos "novas criaturas em Cristo". □

## Oferta de Páscoa

Lembre-se da  
**MELHOR OFERTA,**  
a de Deus,  
e dê generosamente  
para a Causa pela qual  
**JESUS morreu.**





## RESURREIÇÃO

✓ Explique-me, por favor, João 20:23 que diz: "Aqueles a quem perdoardes os pecados lhes são perdoados; e àqueles a quem os retiverdes lhes são retidos."

O contexto oferece a explicação.

Jesus comissionou os discípulos e os enviou dando-lhes o Espírito Santo como sinal da plenitude que receberiam no Pentecostes (vs. 21-22).

Esta missão de pregar no poder do Espírito, que resulta na remissão ou retenção dos pecados, depende de como os ouvintes acolheram a oferta divina da salvação.

A. T. Robertson explicou: "O que Ele recomenda aos discípulos e a nós é o poder e o privilégio de anunciar o perdão dos pecados dado por Deus".

✓ Não compreendo a passagem de I Coríntios 3:10-15. Tenho-a ouvido citar para provar que "uma vez salvo, salvo para sempre".

Trata-se da passagem que diz que as obras de alguns homens serão queimadas no juízo, embora eles se salvem.

Isto não tem que ver com a frase "uma vez salvo, salvo para sempre". Todos os construtores estão a edificar sobre um só fundamento, Jesus Cristo.

Ninguém em pecado pode edificar a sua vida em Cristo. O seguinte versículo diz claramente: "Se alguém destruir o templo de Deus, Deus o destruirá" (v. 17).

A passagem refere-se à qualidade e ao carácter do serviço. As obras de cada um se manifestarão pelo fogo.

Identifica-se este assunto com o versículo 14. A dúvida está quanto à recompensa.

✓ Os nossos corpos ressurrectos serão iguais àqueles que temos à hora da morte?

Serão os mesmos e diferentes.

Os nossos corpos serão "gloriosos" — "... transformará o nosso corpo abatido, para ser

conforme o seu corpo glorioso, segundo o seu eficaz poder de sujeitar também a si todas as coisas" (Filipenses 3:21).

A descrição mais completa que se encontra na Bíblia é I Coríntios 15:12-58. "Cristo ressuscitou dos mortos e foi feito as *primícias* dos que dormem" (v. 20).

A relação que existe entre o corpo físico actual e o corpo espiritual glorioso na ressurreição, é a mesma que há entre uma semente e a planta que nasce dela. Há identidade e continuidade da vida pessoal, mas a consumação da sua potencialidade não pode ser concebida até ser experimentada.

As limitações da nossa vida mortal desaparecerão. Alcançaremos potencial completo da imagem de Deus na qual fomos criados. Continuaremos finitos e humanos, mas completamente livres dos efeitos do pecado.

As referências das Escrituras não nos satisfazem, mas dão-nos o incentivo que precisamos para admitirmos que pela graça de Deus seremos incluídos nessa gloriosa "primeira ressurreição" (I Tessalonicenses 4:13-18).

✓ Qual o significado de I Coríntios 14:38 — "Mas, se alguém ignora isto, que ignore"; em comparação com I Coríntios 12:1 — "Acerca dos dons espirituais, não quero, irmão, que sejais ignorantes"? Estará a resposta em Isaías 28:12 e Mateus 15:14?

Parte da resposta encontra-se aí.

Isaías 28:12 esclarece: "Mas não quiseram ouvir".

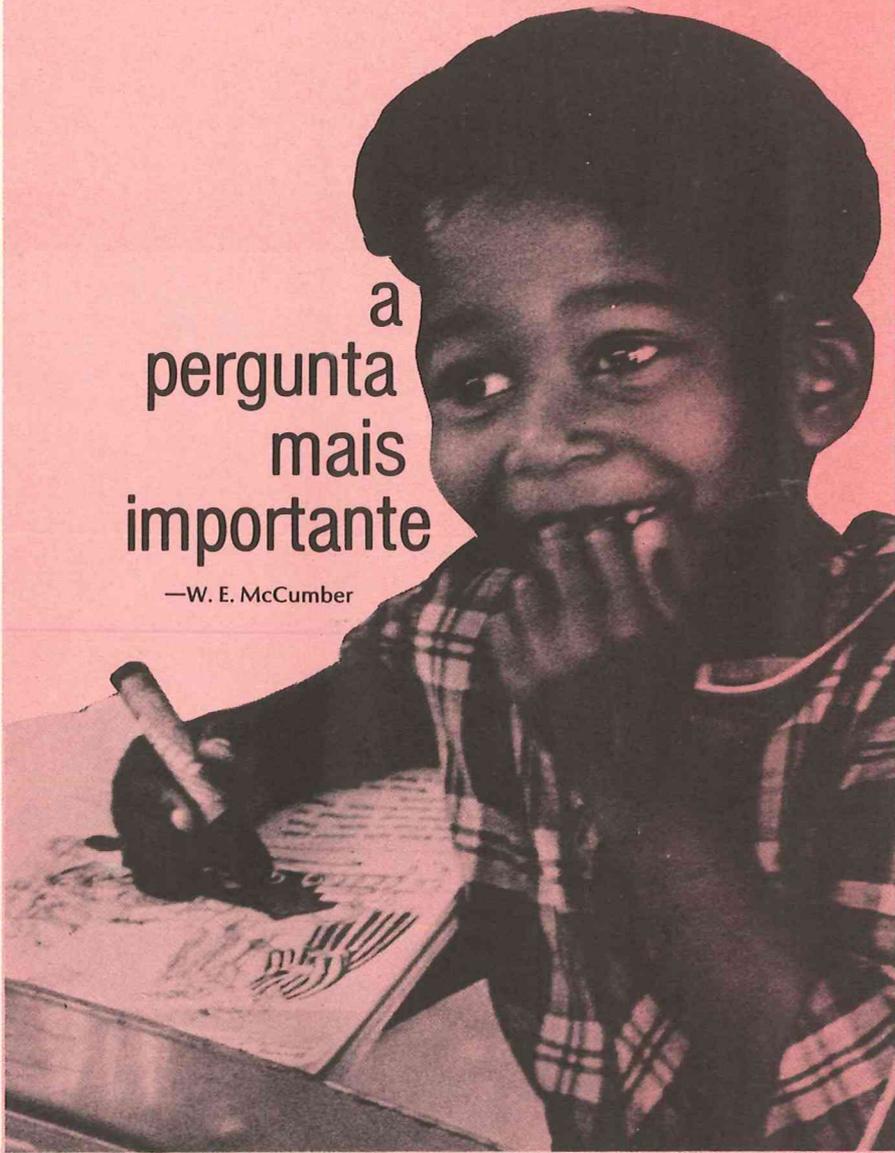
Mateus 15:14 aconselha: "Deixai-os; são condutores cegos; ora, se um cego guiar outro cego, ambos cairão na cova".

As palavras de Paulo em I Coríntios 14:38, comparadas com as de 12:1, mostram que há duas espécies de ignorância.

Uns são ignorantes por não terem oportunidade de aprender. Outros, porque recusam aprender. São como o homem que disse: "Se estou errado, não me corrija. Sinto-me bem assim". □

## a pergunta mais importante

—W. E. McCumber



“Que pensais vós de Cristo?” Esta pergunta fê-la o próprio Jesus, acrescentando: “De quem é filho?” (Mateus 22:42). Desde então, tem sido feita a milhares de pessoas; e não existe pergunta mais importante. Da resposta que se lhe der, dependerá o carácter e destino neste mundo e no futuro.

Recordo, agora, a pergunta, porque há pouco tomei parte no culto de adoração numa das nossas igrejas. Vi irmãos e amigos de tempos passados que me avivaram certas recordações. Há anos preguei nessa igreja sobre a pergunta de Jesus. No decorrer do sermão mencionei algumas respostas dadas através da história por personagens do Novo Testamento. Então, vendo o irmão José

— sentado na congregação, disse-lhe: “Irmão José, que pensa você de Cristo?” Ele imediatamente deu um salto de alegria, correu por entre os bancos, passou diante do altar, subiu à plataforma até chegar junto do púlpito e deu-me um grande abraço, enquanto louvava a Jesus. Aconteceu tudo tão rápido e com tanta surpresa da minha parte, que nunca mais tive coragem de pregar sobre esse texto e fazer a pergunta da mesma forma!

Embora a minha resposta tivesse sido mais calma, compreendo a alegria que brota do coração do crente que aceita Jesus pela fé. É uma mudança efectuada na vida do homem que o leva a sentir profunda felicidade.

Ao recordar o que acontecera, e meditando sobre a pergunta, desejo transcrever a minha resposta. Digo “minha”, não porque seja original, mas por ser muito pessoal.

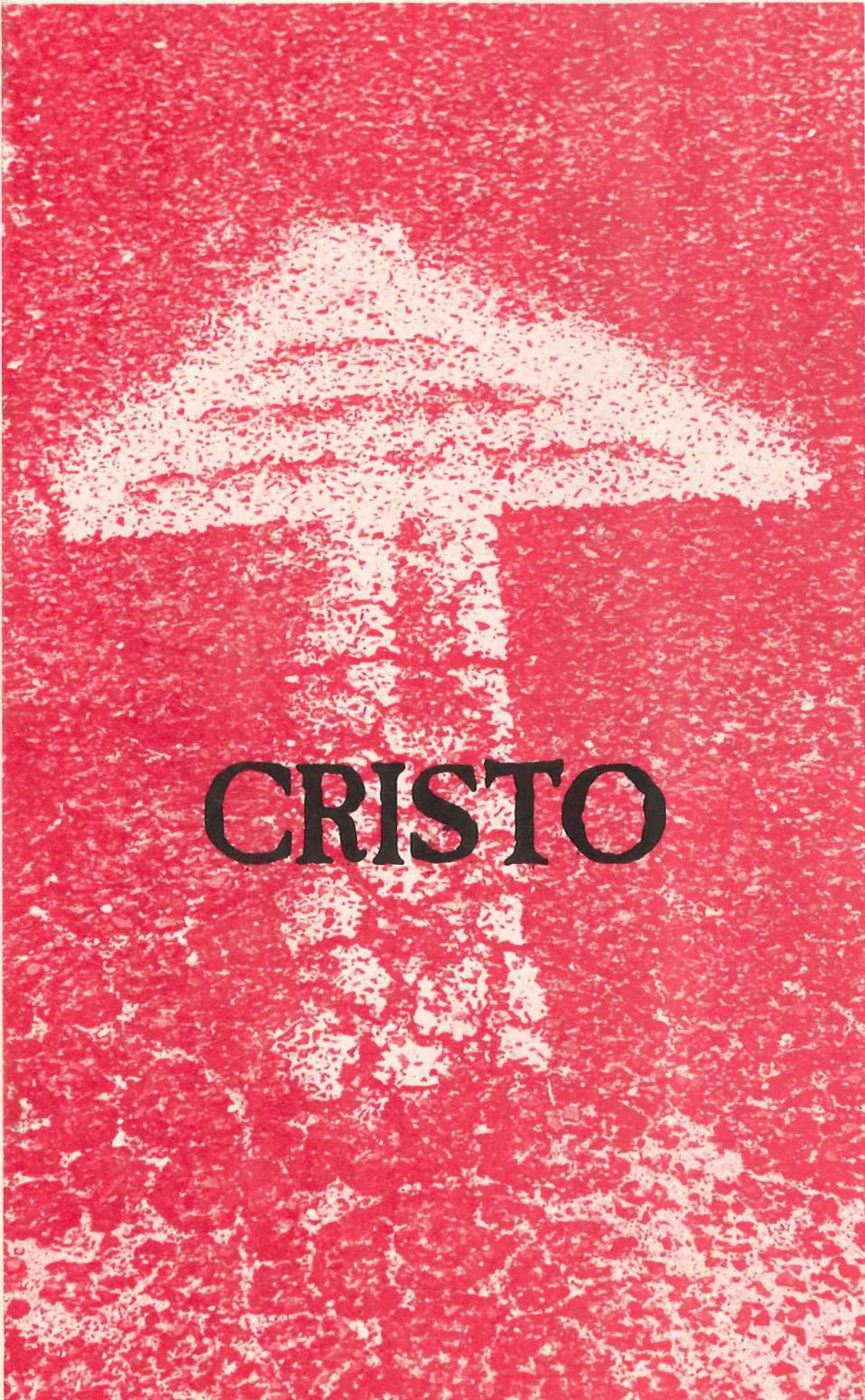
*Creio que Jesus é o Cristo.* Ele é o Filho de Deus e o Messias de Israel de Quem os profetas falaram e Aquele que o povo esperava. Apesar da cruz e sua “maldição”, por causa do testemunho da Ressurreição, creio que Jesus de Nazaré é o ungido de Deus que cumpriu o pacto feito com Abraão e ofereceu bênçãos a toda a humanidade.

*Creio que Jesus é o Senhor.* Os fariseus, a quem o Mestre fez a pergunta, responderam que Ele era “Filho de Davi”. Mas Jesus mostrou-lhes, pelos próprios escritos de Davi, que o Messias era também seu Senhor. Só o Filho eterno de Deus, encarnado em Jesus de Nazaré, podia ser ao mesmo tempo Filho e Senhor de Davi. Como Senhor, Jesus ressurrecto possui poder jamais imaginado ou sonhado por Davi. Só Ele pôde dizer: “É-me dado todo o poder no céu e na terra” (Mateus 28:18).

*Creio que Jesus é o Salvador.* Deus ungiu-O para uma morte expiatória. O perdão de nossos pecados e a reconciliação com Deus são dádivas do amor redentor através da morte de Jesus na cruz. Carregou nossos pecados e assegurou-nos o perdão ao triunfar da morte. Só o colocar voluntariamente a vida sob a Sua direcção não salva. As nossas acções não têm qualquer mérito ou poder para salvar. Jesus fá-lo ao morrer por nós e ao viver em nós.

Não me satisfaz aqui uma resposta abstracta. Devo confiar em Jesus para o perdão dos *meus* pecados e a purificação da *minha* vida; submeter o dia a dia ao Seu domínio, com tudo o que tenho e sou. Como Tomé, sem me importar com o que outros digam, devo meditar sobre as Suas feridas e confessar: “Senhor meu, e Deus meu” (João 20:28). □

EUROPATISCHE BIBELSCHULE AND SEMINAR PHH  
POSTFACH 109  
8201 SCHAFFHAUSEN  
SWITZERLAND



# CRISTO

Não foi médico—mas curou todas as enfermidades.

Não foi advogado—mas explicou os princípios básicos da Lei.

Não foi escritor—mas inspirou as obras primas da literatura.

Não foi poeta nem músico—mas é a alma de todos os poemas imortais.

Não foi artista—mas encheu de luz os gênios de todos os tempos.

Não foi estadista—mas fundou as mais sólidas instituições da sociedade.

Não foi general—mas conquistou milhões de corações no mundo.

Não foi descobridor—mas mostrou aos mortais os reinos da imortalidade.

## CRISTO

Diáfano como um espelho e misericordioso como a noite.

Sublime como as excelsitudes de Deus, e amigo das misérias humanas.

Severo como um juiz e carinhoso como uma mãe.

Amigo de Madalenas contritas e inimigo de fariseus impenitentes.

Terrível como a tempestade, e aprazível como a luz solar.

Humilde entre vivas e hosanas, e sereno entre ofensas e maldições.

## CRISTO

Nós os mortais Te amamos, porque nos amas.

Cremos em Ti, porque Tú és o Caminho, a Verdade e a Vida.

Em Ti esperamos porque Teu Reino não é deste mundo.

Não podemos lutar sem Ti, porque Tu és o bálsamo das nossas chagas e a aurora das nossas noites.

Nada sabemos sem Ti, porque Tu és a fonte da ciência e de toda a sabedoria.

Contigo é fácil tudo que é difícil, porque suave é Teu jugo e leve o Teu fardo.

Somos infelizes sem Ti, porque inquieto está o nosso coração até que descanse em Ti! □